

O paradigma incômodo da igualdade universal

O Que é uma Mulher?

BADINTER, Elizabeth.

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, tradução de *Qu'est-ce qu'une Femme?*, P.D.L. Editeur, 1989, de Maria Helena Franco Martins)

Diffícil dizer quem foi o primeiro, e quem será o último, a se perguntar "o que é uma mulher". E, talvez porque se coloque contra esta pergunta, uma das melhores respostas seja, tomando-a paradigmaticamente, a da personagem Marianne em *La femme gauchère*, de Peter Handke: "Pensez ce que vous voudrez. Plus vous croirez pouvoir parler de moi, plus je serai libre à votre égard. Parfois, il me semble que ce qu'on apprend de neuf sur les gens n'a déjà plus de valeur. À l'avenir, si quelqu'un m'explique comment je suis - et fût-ce pour me flatter ou me rendre plus forte -, je n'admettrai plus une telle insolence"¹.

Ou seja, o melhor é recusar tal pergunta. Mas se ela é feita ou se se a aceita, a resposta não é simples. Bem o sabia Simone de Beauvoir cuja primeira frase no seu livro *O segundo sexo* é: "Durante muito tempo eu hesitei em escrever um livro sobre a mulher"².

O livro *O Que é uma Mulher?* traz um debate travado no século XVIII, entre A L. Thomas, Diderot e Madame D'Épinay. Traz ainda um prefácio de Elizabeth Badinter que, organizadora da obra, contextualiza o texto de Thomas e os comentários dos outros autores no debate, Diderot e D'Épinay. Badinter também situa e comenta os autores e o debate.

A pergunta que dá título ao livro causa, hoje, um certo mal-estar.

Na recente literatura sobre gênero encontramos, muitas vezes, uma crítica aos chamados "estudos sobre mulheres" que,

pelo seu caráter identitário, culminariam na constituição de uma teoria parcial. Os impasses epistemológicos dos estudos sobre a mulher teriam advindo da redução do horizonte compreensivo aos limites da categoria empírica, e deste caráter identitário com que estes estudos referem-se à mulher. Por outro lado, uma das críticas aos estudos de gênero afirma a sua incapacidade de compreensão dos sujeitos concretos.

Diffícil negar a importância destas críticas, inclusive pelo que explicitam: o embate entre distintos campos epistemológicos.

O mal-estar provocado pela pergunta "o que é a mulher" advém, além do seu caráter essencialista, dos impasses provocados por estas, relativamente recentes, tendências teóricas, e que têm consequências não desprezíveis no campo do feminismo.

Sem querer reduzir a complexidade deste embate teórico, não seria um tanto óbvio, quando se fala em gênero, considerar que a mulher é uma categoria, entre outras, que a distinção de gênero formula? Quando se fala em gênero há um alargamento do campo categórico e de sentidos. As categorias "mulher" ou "homem" recobrem, no meu entender, um campo de referências mais restrito que as categorias masculino e feminino, e as primeiras poderiam ser consideradas como partes das segundas. Desta forma, não haveria oposição, exclusão ou substituição (mulher e/ou gênero, gênero por mulher) mas gênero seria um instrumento que mapeia um campo específico de distinções, aquele cujos referentes falam da distinção sexual. Quer onde estejam sujeitos concretos, substantivos, homens e mulheres, quer onde nem mesmo se encontram estes sujeitos. Mas não é esta a questão do debate no século XVIII.

No discurso filosófico do século XVIII, já se disse, estariam embutidos os discursos da antropologia e da história³. Por um lado, a preocupação com os costumes, usos e cren-

¹ HANDKE, Peter *La Femme Gauchère*, Paris Gallimard, 1978, p 33-34

² BEAUVOIR, Simone de *Le Deuxième Sexe* Paris Gallimard, 1949.

³ Ver, por exemplo, DUCHET Michèle *Anthropologie et Histoire au Siècle des Lumières* Paris Flammarion, 1971, *Le Partage des Savoirs* Paris La Découverte, 1985

ças de povos diferentes no espaço e no tempo, e por outro a idéia de homem universal sob leis naturais. A tensão, da qual somos herdeiros, entre particularidades e universalidade, diferenças e semelhança. A Razão e/ou Natureza, os costumes; o Homem, os homens; os civilizados, os selvagens.

O livro *O Que é uma Mulher?* tem o mérito de nos colocar diante de um debate que explicita esta tensão através de outra particularidade: as mulheres. Na verdade, o título do livro não faz justiça ao seu tema; coloca no singular (*O Que é uma Mulher?*) o que o texto pivô do debate, o de Thomas, coloca no plural (*"Ensaio sobre o caráter, os costumes e o espírito das mulheres nos diferentes séculos"*).

Thomas, com um método etnográfico e histórico, no velho estilo, nos convida, com "uma coletânea de observações e fatos", a conhecer "o que as mulheres foram, o que são e o que poderiam ser"⁴. Foram, adoradas e oprimidas; deveriam ser, capazes de tirar o maior partido das qualidades dominantes em cada época e evitar os defeitos, salvar sua razão e seu coração, e "arriscando-se a desagradar, soubesse, em sua casa e fora dela, conservar sua estima pela virtude, seu desprezo para com o vício, sua sensibilidade para com a amizade e, apesar do desejo de ter um amplo círculo social, no meio desse mesmo círculo, tivesse a coragem de defender um modo de pensar tão extraordinário, e a coragem ainda maior de sustentá-lo" (p.115-116)

O texto de Thomas foi publicado em março de 1773. A resposta de Diderot é publicada em 1774.

O ensaio de Diderot, "Sobre as Mulheres"⁵, caracteriza-se pelo tom irônico: "Gosto de Thomas. Respeito a altivez de sua alma e a nobreza de seu caráter. É um homem de muito espírito, é um homem de bem; portanto não é um homem comum..."; e: "Eu teria escrito com menos imparcialidade e sabedoria, mas me teria ocupado com mais interesse e calor do único ser da natureza que nos devolve sentimento por sentimento, e que fica feliz com a felicidade que nos proporciona...(...). Mas ele quis que seu livro não fosse de nenhum sexo, e infelizmente foi o

que conseguiu, até bem demais; é um hermafrodita que não tem nem a energia do homem nem a languidez da mulher" (p.119)

Dominada por seus órgãos a cabeça das mulheres ainda falaria a linguagem dos sentidos, nos diz o autor que chega a exclamar: "Oh, mulheres! sois crianças bem extraordinárias!" (p.124)

Ao contrário dos dois textos anteriores, madame D'Épinay não publica seus comentários sobre o ensaio de Thomas. Ela o faz em uma carta, privada, ao abade Galiani. Critica-lhe o estilo, atribuindo-lhe, entre outros adjetivos, o de pedante e monótono. Com relação ao conteúdo toma vários de seus pontos e os discute. A síntese de seus argumentos, contrários aos de Thomas, está no final: "É bem evidente que os homens e as mulheres têm a mesma natureza e a mesma constituição. A prova disso é que as mulheres selvagens são tão robustas e ágeis quanto os homens selvagens; assim a fraqueza de nossa constituição e de nossos órgãos pertence certamente à nossa educação, e é uma conseqüência da condição que nos destinaram na sociedade. Os homens e as mulheres, tendo a mesma natureza e a mesma constituição, são susceptíveis dos mesmos defeitos, das mesmas virtudes e dos mesmos vícios". (p.137-138)

A igualdade sendo natural, a diferença estaria no artificialismo social: "Certamente seriam necessárias várias gerações para nos recolocar tais como a natureza nos criou. Poderíamos talvez sair vencedoras; mas os homens perderiam demais. Ficam bem felizes por não sermos piores do que somos, depois de tudo o que fizeram para nos desnaturar por suas belas instituições, etc". (p.138)

Nem igualdade natural, nem social, mas desigualdade, natural e social, para Thomas. Para ele, no que se refere às mulheres, o mal não está apenas na sociedade: "A sociedade ainda aumenta, para elas, os males da natureza" (p.37). Não há nem mesmo o elogio aos "selvagens", no que se refere ao tratamento dado às mulheres: "as mulheres são entre os índios, o que os ilotas eram entre os espartanos, um povo vencido, obrigado a trabalhar para os vencedores" (p.38)

Os termos do debate - desigualdade natural e/ou social; igualdade natural, diferença social - constitutivos do pensamento da época são explicitados, e desafiados, no tratamento do tema "mulheres". O que con-

⁴ THOMAS, A. Da influência das sociedades sobre o caráter das mulheres. In *O Que é uma Mulher?*, p. 40

⁵ Correspondance Littéraire, abril de 1774

tribui para desautorizar a hierarquia, ainda não inteiramente abandonada, entre temas maiores e menores, mais ou menos relevantes. Mesmo porque, as questões colocadas - e que ainda constituem um desafio - mostram-se particularmente interessantes exatamente ao referirem-se não apenas às distantes e exóticas diferenças, a dos "selvagens". Este é um dos méritos do texto de Thomas. O que torna ainda mais curiosa sua discussão com Montaigne, porque este afirmara a incapacidade das mulheres à amizade.

Mas também o texto de Diderot é importante; porque explicita como pensadores brilhantes sobre os outros temas se comportam quando se trata de pensar questões que os atingem de forma tão próxima, e que tendem a ser consideradas "menores". Neste caso, ao desqualificar o autor, e seu tema, Diderot apenas exemplifica o que diz Thomas, e pode ser considerado como paradigmático de atitudes ainda não muito distantes de nós.

O debate é fascinante. E instigante. Por exemplo, reconhecer o que incomoda no texto de Thomas, e aliás incomoda em muitos dos escritos sobre mulheres nas décadas passadas (ou de algumas "feministas" tardias ainda muito recentemente); o tom de comisseração, de piedade, de vitimização.

Um exercício interessante é trocar os estilos e lugares: ler o conteúdo de Thomas com o "espírito" de Diderot, Ou ler Madame d'Épinay onde Diderot publicou seu polêmico e irônico ensaio

O parágrafo final de Badinter incomoda. Não pela sua defesa da igualdade universal, e da razão universal, mas pelo artificialismo e otimismo quando afirma que "... nós, mulheres, estamos definitivamente integradas na humanidade, adultas e emancipadas" (p.34). Artificialismo pelo "nós mulheres" e otimismo pela "integração", pois, não só no que se refere às mulheres, a "humanidade" não tem dado mostras desta integração. Incomoda principalmente porque situar um debate de séculos anteriores não deveria ter como conclusão final afirmar os seus próprios termos. Badinter termina onde as questões contemporâneas começam: no estatuto das diferenças, e nas suas relações, uma vez afirmado o princípio da igualdade universal. Sem falar que este princípio ainda não fez o milagre que muito esperamos dele.

SUELY KOFES ■

Registros

Prostituição em Destaque

Cette Violence Dont Nous Ne Voulons Plus - Prostitution. Número especial do boletim da Association Européenne Contre Les Violences Faites Aux Femmes Au Travail, nº 11-12, março de 1991, Bruxelas.

O boletim da ANEF é uma publicação tradicional do feminismo combativo francês. Neste número, sob o título de Cette Violence Dont Nous Ne Voulons Plus, a prostituição é o tema central. O Brasil ganhou destaque especial no artigo "Prostituição Infantil no Brasil". Rennée Bridel e Jean-Paul Colombo, autores da pesquisa, afirmam que nas áreas de prostituição do país, meninas de três a oito anos são expostas a atentados sexuais. Na sociedade brasileira, explicam, existem duas regras básicas no relacionamento mulher-homem: a mulher deve ser virgem antes do casamento, enquanto o homem deve usufruir ao máximo de sua liberdade sexual, com o fim de manter o culto da virilidade masculina. A soma dessas características acarreta abusos sexuais sofridos por muitas crianças. Os números apresentados pelos autores no documento não são alentadores. Nas zonas de prostituição, meninas de três anos são expostas à brutalidade sexual, aos seis são seviciadas e de oito em diante já mantêm relações sexuais completas. Ao atingir doze anos estão prostituídas. A pesquisa foi feita em Recife, Lages (Santa Catarina), Rio Grande do Sul, zona do garimpo na Amazônia e Mato Grosso.

Além do artigo sobre a prostituição infantil no Brasil, o boletim da ANEF conta com outros 13 textos. Nestes, são abordadas diversas questões relacionadas ao tema, como o tráfico de mulheres, a prostituição sagrada na Índia e depoimentos de ex-prostitutas francesas e norte-americanas